

MARROCOS: A CAMINHO DA DEMOCRACIA?

Marrocos: estável, reformista, avançando a passos lentos para a democracia? Till Bruckner, um investigador britânico que passou seis meses naquele país, publicou em Junho de 2015 no sítio *Open Democracy* um resultado dessa sua experiência. Título: “Sete mitos sobre a democracia em Marrocos”.

Till Bruckner apresenta-se como «investigador e consultor interessado nos mecanismos de controlo político, democraticidade e mudança social.» Reconhecendo que seis meses são claramente insuficientes para compreender um «país muito complexo e muito diversificado», Bruckner procura desmontar o que considera serem os mitos que florescem nos meios de comunicação social ocidentais sobre o regime marroquino. Vejamos alguns extractos que, embora publicados em meados de 2015, mantêm toda a actualidade.

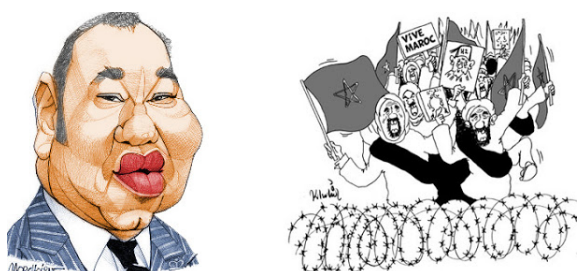


Fig. 1: Um rei "reformista"

Mito um: «Marrocos é uma monarquia constitucional.» «Falso: Marrocos não é uma monarquia constitucional. É uma monarquia com uma Constituição escrita. (...). Há uma separação de funções mas não de poderes: o político, o económico e o religioso estão todos concentrados no Palácio real, que toma as decisões importantes e controla na prática tudo: o parlamento, o poder judicial e as forças de segurança, a maioria dos meios de comunicação social e as esferas não-governamentais.»

Mito dois: «o Palácio adoptou a reforma democrática.» «Falso. Na verdade o Palácio instituiu algumas reformas muito importantes desde que Mohamed VI subiu ao trono em 1999: desenvolvimento das infra-estruturas, electrificação rural, mais liberdade de expressão e menos tortura nas prisões. Mas nenhuma delas é, em si, uma reforma democrática. Em 2011, aquando das manifestações inspiradas pela Primavera Árabe, o Palácio prometeu reformas democráticas e apresentou uma nova Constituição que garante um bom número de liberdades políticas, tal como a constituição da Alemanha Oriental na era Estalinista.» E cita um provérbio alemão: «o papel é muito paciente, pode-se escrever nele o que se quiser que ele nunca se queixará.»

Mito três: «está a decorrer um processo de democratização.» «Falso. Quando as manifestações da Primavera Árabe perderam ímpeto, em parte devido à repressão policial, a democratização ficou em ponto morto. A democratização de Marrocos é uma via com dois sentidos e neste momento o país está a andar para trás. Só para dar um exemplo: a Constituição consagra o acesso à informação como um direito fundamental de todos os cidadãos. O último projecto da lei orgânica acrescenta uma nota kafkiana: todos os cidadãos têm o direito de aceder à informação mas se publicarem essas informações podem ser presos por isso. Assim, a dança continua: um passo em frente, um passo à retaguarda.»

Mito quatro: «os marroquinos escolheram a evolução na revolução.» «Falso. Os marroquinos

nunca foram autorizados a escolher entre estas opções e ninguém sabe o que a maioria escolheria no caso, pouco provável, em que fossem consultados sobre a questão. Além disso, o Palácio impediu a emergência de qualquer alternativa credível seja ela evolução, revolução ou outra. Só um quarto dos marroquinos participou na última farsa eleitoral. Em qualquer dos casos, os marroquinos escolheram colectivamente ‘a apatia política’ mais do que a evolução ou a revolução.»

Mito cinco: «a criação de empregos é hoje o maior desafio.» «Falso. Muitos jovens marroquinos não são empregáveis nas condições actuais do mercado, da globalização e do comércio livre, e isto não mudará tão cedo. A maioria dos diplomados das escolas marroquinas estão mal equipados para ocupar posições de topo no mercado mundial do emprego, devido ao lamentável sistema público de educação; o Palácio está a controlar a actual revisão deste sistema que, em caso de sucesso, levará pelo menos uma geração para dar os seus frutos. Entretanto, a mão de obra semi-qualificada e desqualificada não é competitiva. Tragicamente, pois enquanto o salário mínimo de cerca de 1,00 euro/hora não chega para uma família viver decentemente numa grande cidade marroquina, o seu custo é proibitivo num mundo globalizado onde os trabalhadores de fábrica são pagos a menos de 50,00 euros/mês.»

«Hoje (...) o verdadeiro desafio é impedir milhões de jovens frustrados de exprimir colectivamente a sua raiva contra um sistema que os negligencia e os deixa apodrecer enquanto os filhos dos ricos instruídos no privado se apropriam dos melhores empregos.»

Mito seis: «Marrocos é um ilhéu de estabilidade.» «Falso. Marrocos pode ser menos instável do que a Argélia, a Líbia, o Egipto ou a Mauritânia, mas isso não faz dele um país estável. Marrocos é atravessado por múltiplas linhas de ruptura: ricos e pobres, urbanos e rurais, árabes e berberes, tradicionalistas e modernistas, com uma plétora de fortes identidades regionais. (...). As manifestações que surgiram em todo o país durante a Primavera Árabe acabaram em confrontos em numerosas cidades. Num futuro próximo, a precária estabilidade social ficará mais tensa pelo número crescente de jovens sem emprego e os efeitos devastadores das mudanças climáticas.»

«Segundo o Banco Mundial, ‘grandes áreas, actualmente exploradas graças à agricultura de sequeiro, deverão ser abandonadas ou utilizadas para pastagem; quanto às pastagens actuais poderão tornar-se impróprias para toda a actividade agrícola’.»

Mito sete: «estão todos de acordo de que mais democracia é melhor para o país.» «Falso. O chefe do governo tem afirmado repetidamente que o papel do seu governo é o de aplicar as directivas reais. Os partidos políticos são pirâmides de interesses tacanhos que nem internamente aplicam a democracia. Os empresários parecem pouco receptivos a tolerar grandes riscos políticos num contexto de crescimento económico a longo prazo. A maioria dos cidadãos não vota; a maioria não se manifesta activamente contra o sistema.»

«O que querem os marroquinos? Nenhuma sondagem fiável o diz e ninguém o pode prever. Quanto à América e à Europa, porquê pôr em causa a democracia em Marrocos se se pode tratar directamente com um rei ‘reformista’ que mantém as importações num nível elevado, mantém os islamistas isolados e os imigrantes ilegais longe da



Fig. 2: «A maioria não se manifesta»

Europa?»

«Resumindo: apesar das importantes reformas realizadas em muitas áreas, Marrocos não evoluiu para mais democracia e parece pouco provável que o faça num futuro previsível. A estabilidade, já precária, sofrerá uma inevitável pressão adicional como consequência do desemprego dos jovens e dos efeitos das mudanças climáticas.»